



A experiência mística como lançamento na vida.

A vida de Égide van Broeckhoven e Dietrich Bonhoeffer.

Delambre Oliveira¹

Resumo:

O presente artigo trabalha o diálogo entre experiência religiosa, experiência do sagrado e experiência mística sob o aspecto teórico e antropológico. Levanta o questionamento sobre a mística sagrada no contexto brasileiro, com a noção de que em nossa terra, o movimento místico nunca pôde ser classificado como um abandono para que houvesse um retorno ao sagrado. Tomando como exemplo a vida de Égide van Broeckhoven e Dietrich Bonhoeffer, propõe, finalmente, a experiência mística como um lançamento para a vida feito de maneira radical, mediante a compreensão do amor trinitário, encarnado na história de forma ética e também em ação de alteridade, um serviço ao outro.

Palavras chaves: *mística, sagrado, ética, religiosidade brasileira, alteridade.*

PARA COMEÇAR UMA PROSA... à guisa de Introdução.

Os quatro místicos estudados neste semestre (Égide van Broeckhoven, São João da Cruz, Tereza d'Ávila e Simone Weil) retiram o mito de que experiência mística está reduzida aos monges.² Pelo contrário, a vida destes homens e mulheres simples revela o total engajamento nas questões relacionadas à existência humana universal e situada.

¹ Teólogo, pedagogo, Licenciado em Pedagogia pela FABAT, Bacharel em teologia pelo STBSB, Mestre em Teologia pelo STBSB, doutorando em teologia pela PUC-RJ, realizou complementação de seus estudos doutorais na Universidade de Tübingen, Alemanha. Membro da Associação Internacional de Literatura e Teologia, atua na articulação do diálogo entre Teologia, educação, literatura e religiões monoteístas. É professor da FABAT (cursos de Teologia e Pedagogia) lecionando disciplinas nas da área de Teologia Sistemática e Religiões Mundiais.

² Um pouco dessa mística que se afasta totalmente do mundo estava presente nos primeiros séculos da Igreja Cristã e marcou, pejorativamente, no ambiente contemporâneo, o discurso sobre a mística. Entretanto, deve-se lembrar que, ainda que existissem posições extremas, o sentido do isolamento representava uma contundente crítica à Igreja, que perdeu um pouco seu caráter místico, e uma comprovação prática: a radical experiência de Deus dava ao ser humano condições para controlar todos os seus extintos, inclusive os essenciais à existência. Conforme. Jacques LACARRIÈRE, *Padres do deserto. Homens embriagados de Deus*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.



Pos-Escrito

Revista Eletrônica da Faculdade Batista do Rio de Janeiro

Seguindo as inspirações destes místicos, este trabalho pergunta: em que sentido a vida integral destas pessoas pode contribuir para clarear a caminhada de fé das pessoas no Brasil, ao mesmo tempo em que proporciona à Igreja Cristã assumir o dinamismo do Espírito que sopra onde quer e como quer? Como foi muito bem explicitado nas aulas, é característica da experiência mística a liberdade, a entrega, a união íntima com Deus. Este relacionamento pode chegar num estágio onde todos os encontros tornam-se secundários à presença confortante do Amado que nos lança ao encontro dos outros na vida.

No ambiente brasileiro, onde coexistem muitas propostas religiosas, é imprescindível que se tenha uma definição antropológica satisfatória. Por esse motivo, o primeiro tópico retoma a fundamentação teórica e antropológica subjacente à Mística Cristã. O objetivo é indicar, no ambiente da experiência religiosa e da experiência do Sagrado, o específico da Experiência Mística Cristã. Em seguida, no segundo tópico, Constatação de um Anseio, o problema levantado servirá para o diálogo da mística cristã no ambiente tupiniquim: o suposto “retorno do sagrado” no contexto brasileiro. O que tem a experiência mística que transcende o contexto de sua gênese?

Na parte final, Experiência Mística como Radical Lançamento na Vida, mergulha-se nas vidas de Égide Van Broeckhoven e Dietrich Bonhoeffer. Aqui a intenção é mostrar alguns pontos de suas experiências místicas e como elas podem iluminar a caminhada no mundo, de forma geral, e no Brasil (constatação de um anseio), de forma específica.

1. Uma questão teórica e antropológica:

- Experiência Religiosa, Experiência do Sagrado e Experiência Mística

Falar de experiência mística tem como pressuposto uma clara delimitação antropológica. As diversas possibilidades no contexto atual que abordam o tema da experiência com o sagrado exigem definições sobre como cada segmento compreende e interpreta as condições reais do ser humano. Esta delimitação antropológica mostrará, também, a identidade de cada grupo, condição imprescindível para estabelecer diálogos que recebam o adjetivo de alteridade.

No momento em que a perspectiva cristã fundamenta, teoricamente, o que é o ser humano, implicitamente, está a epistemologia teológica que sustenta sua práxis e delimita toda experiência mística genuinamente cristã. É relevante, portanto, utilizar a sensibilidade do teólogo Karl Rahner para esta questão. Para ele o ser humano é um sujeito sob disposição alheia, carregado pelo Mistério. O ser humano descobre-se dependente dos outros. É sujeito transcendental direcionado a um Mistério que se revela e se



Pos-Escrito

Revista Eletrônica da Faculdade Batista do Rio de Janeiro

oculta ao mesmo tempo. Todo ser humano possui um existencial sobrenatural, ou seja, ontologicamente é um ser com todas as possibilidades de fazer e atualizar a experiência com o *Mistério Santo*,³ *Totalmente Outro*.⁴

À antropologia cristã o ser humano é um ser de perguntas, sendo que todas têm seu fundamento numa pergunta central e radical: não mais como as coisas são, senão o fato de que as coisas são e estão aí. O ser humano pergunta não como sou, senão quem sou e por que sou - eis a pergunta última em relação com o sujeito. Neste sentido, o ser humano é um ser-em-questão, que tem de buscar a resposta mais além de si mesmo. Neste sentido, no núcleo da condição humana está sua condição de síntese ativa de finitude-infinitude, do temporal e o eterno, de liberdade e necessidade, de ser fronteiro entre o finito e infinito, de ser constitutivamente religado ao poder do real,⁵ de ser “ouvinte da palavra”.⁶

Ao revelar a sua identidade, a experiência mística cristã não está negando outras expressões, pelo contrário, através dessa fundamentação acontece uma mudança na forma como encarava, historicamente, as outras tentativas de respostas a este Mistério Santo e Totalmente Outro. Esta perspectiva possibilitou um olhar mais amistoso para as outras religiões e a real possibilidade de conter nelas verdadeiras experiências místicas.⁷

“... o tema do ser humano imagem de Deus serve de apoio para expressar a consciência da inigualável dignidade do homem e da mulher, de sua insuperável nobreza, sua condição importante na criação e de uma referência dinamizadora de todo seu ser e toda sua vida até a comunicação com Deus como o fim a que Deus tem-se destinado a chamá-lo e orientá-lo.”⁸

Aqui já se começa visualizar alguns caminhos importantes à mística cristã. A explicitação – religião – recebe todo o sentido e finalidade da fé, de onde brota, mas também a fé recebe de sua manifestação sociocultural, numa representação concreta que a impede de se ver reduzida à mera subjetividade.⁹ Em síntese, a constante dialética tensão entre contemplação e ação.

³ Karl RAHNER, *Curso Fundamental da fé: introdução ao conceito de cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1989, p.54-60.

⁴ Paul TILLICH, *A Coragem de Ser*. São Paulo: Paz e Terra. 1976. *Passim*.

⁵ J. Martín VELASCO. *El fenómeno místico*. Estudio comparado. Madri: Trota. 1999, p. 258.

⁶ RAHNER, *Op. cit.*, p. 37-60.

⁷ Mais a frente será abordada um pouco da justa crítica que é feita a Bonhoeffer e Barth pelo dualismo que separava religião e cristianismo. Em Bonhoeffer o dualismo permanece como teoria, mas é superado pela prática.

⁸ VELASCO, *Op. cit.*, p. 261.

⁹ M. de França MIRANDA, *Inculturação da fé: uma abordagem teológica*. São Paulo: Edições Loyola, 2001, p. 54.



Enfim, fazendo a leitura a partir da mística cristã,¹⁰ a passagem da Experiência Religiosa e da experiência do sagrado para a experiência mística acontece quando há experiência de Deus com sentido: quando o ser humano e Deus se encontram sem que as liberdades sejam anuladas. À mística cristã o movimento trinitário é referência de toda experiência mística: Pai, Filho e Espírito em constante relação de Amor. É um encontro de alteridade e não de simbiose. É a experiência da total gratuidade que leva à responsabilidade. É a experiência estética que atrai, atrai ... “seduzido fui..” e não consegue mais deixar de amar a Deus, a mim mesmo e aqueles que são diferentes de mim. Experiência mística é o mais sublime encontro de Amor.

2. A constatação de um anseio:

- O suposto “Retorno do Sagrado” no Brasil.

Não há dúvida que existe um anseio religioso diferente neste período denominado como pós-modernidade. Alguns especialistas interpretam este anseio, intitulado “Retorno do Sagrado”,¹¹ de forma bastante depreciativa e pejorativa em função das exóticas maneiras como esta experiência se manifesta. Porém, a partir desta necessidade que o ser humano tem de responder a algo que o tangencia, este momento pode ser confrontado com os critérios da mística cristã. Numa perspectiva crítica e acolhedora, tanto o anseio como os agentes que provocam este vazio e essa angústia são vistos como sujeitos do diálogo.

Para isso faz-se justo perguntar: por que deixam atônitos aqueles que acreditavam, ingenuamente, que uma alternativa opunha, de um lado, a Religião e, do outro, a Razão, as Luzes, a Ciência, as críticas marxista, nietzscheana, freudiana e respectivas heranças, como se a existência de uma estivesse condicionada ao desaparecimento da outra?¹² É bastante plausível a leitura que admite as falhas das profecias daqueles que profetizaram o fim da religião, uma vez que elas não possuíam comprovação

¹⁰ Aulas ministradas pela profa. Dra. Maria C. L. Bingemer. Curso de Pós-Graduação. PUC-Rio, 2005.

¹¹ Pessoalmente, entendo que, no contexto do Brasil, o “retorno do sagrado” é uma conceituação insuficiente para o nosso ambiente. Aqui o sagrado nunca foi embora, mesmo que um grupo bastante pequeno receba as influências das críticas à religião realizadas pelos *mestres da suspeita na Europa*. No Brasil, os especialistas, das ciências da religião, sociologia e teologia, ao aplicarem a conceituação européia aqui, devem levar a sério a formação multifacetada da religiosidade brasileira. Conferir: Rubem ALVES. A volta do sagrado: os caminhos da sociologia da religião no Brasil. Em: MONTEIRO, Douglas. *Religião e sociedade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, n. 3, p. 124, Outubro. 1978. Também: José BITTENCOURT FILHO, *Matriz religiosa brasileira: religiosidade e mudança social*. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes/Koinonia, 2003.

¹² Jacques DERRIDA, Fé e saber: as duas fontes da “religião” nos limites da simples razão. Em: Gianni VATTIMO; Jacques DERRIDA, (Orgs.). *A religião: o seminário de Capri*. São Paulo: Estação Liberdade, 2000, p. 15.



Pos-Escrito

Revista Eletrônica da Faculdade Batista do Rio de Janeiro

científica.¹³ Entretanto, atualmente, em nenhum momento o secularismo moderno é posto em xeque, mas a idéia de sua incompatibilidade de princípio com a religião entra em declínio.¹⁴ Até mesmo a filosofia contemporânea mostra os limites do saber. Identifica-se que os mitos, os ritos e as crenças não são fábulas, pelo contrário, elas dão condições para que o ser humano se relacione com sua história e com sua existência no mundo.¹⁵

A sociedade contemporânea demonstra um deslocamento do sagrado que volta a aproximar-se do espaço visível da vida humana,¹⁶ desmentindo as afirmações feitas apressadamente pela profecia dos cientistas da virada do século 20.¹⁷ Em lugar de “volta” ou “retorno”, talvez se esteja verificando a “permanência” do religioso, seja em formas sacrais julgadas degradadas pela razão moderna, magia, esoterismo, seitas, seja sob a forma de adesão vaga a uma transcendência sem rosto nem nome, mais semelhante a uma energia ou uma força, que não chega sequer ao deísmo.¹⁸ Permanência religiosa diferente, pois a religião não volta a remodelar o espaço humano segundo o antigo modelo. O fundo do “retorno” religioso é uma busca laboriosa, sangrenta e explosiva, é manter a identidade religiosa interna e a abertura ao exterior, no caso, à modernidade.¹⁹

Observa-se um regime de concorrência sacra entre as novas formas religiosas. Elas ocupam enorme espaço de visibilidade, já não mais em nome das instituições e tradições vinculantes, mas como oferta às necessidades sentidas pelas pessoas. No seio da pós-modernidade cética, os novos movimentos religiosos podem animar as pessoas terapeuticamente, ou pelo menos, levá-las a uma resignação diante da inexorabilidade desse processo histórico. Provavelmente, o sucesso dos novos movimentos religiosos e do neopentecostalismo está, no fato de se enquadrarem muito bem nessa faceta cética da modernidade, procurando, sem tocar diretamente na realidade social, diminuir a insegurança, a angústia e a crise espiritual.²⁰

No contexto brasileiro, se quisermos encarar este momento como anseio paradoxal e ambíguo que a mística cristã pode saciar, é preciso reconhecer que a sedução do sagrado presente nesses movimentos

¹³ Maria Clara Lucchetti BINGEMER, *Alteridade e vulnerabilidade*. Experiência de Deus e pluralismo religioso no moderno em crise. São Paulo: Edições Loyola, 1993, p. 17-21.

¹⁴ Sérgio Paulo ROUANET. A volta de Deus. Em: *Folha de São Paulo*. São Paulo, 19/05/2002, p. 9.

¹⁵ Paul RICOEUR Citado em Franco CRESPI, *A experiência religiosa na pós-modernidade*. São Paulo: EDUSC, 1999, p. 27.

¹⁶ BINGEMER, *Alteridade e vulnerabilidade*, p. 21.

¹⁷ Toby LESTER, citado por Caio Caramico. SOARES, O ecossistema do paraíso. Em: *Folha de São Paulo*. São Paulo, 19.5.2002, p. 12.

¹⁸ BINGEMER, *Ibidem*, p. 30.

¹⁹ João Batista LIBÂNIO, *A religião no início do milênio*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 151.

²⁰ João Batista LIBÂNIO, *O sagrado na pós-modernidade*. Em: Cleto CALIMAN, (Org.), *A sedução do sagrado: o fenômeno religioso na virada do milênio*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 61-67.



abarcava uma velada crítica às Igrejas históricas tradicionais, que teriam perdido boa parte de seu caráter iniciático, místico, permanecendo, quase que somente, caracterizadas por seu aspecto institucional-articulador ou ético-transformador.²¹ A crítica comporta uma insatisfação aos modelos eclesiológicos erigidos sobre a máxima da razão instrumental, onde o conhecimento da doutrina e da tradição recebem primazia, em detrimento²² da dimensão experiencial.²³ Ao aceitarmos esta interpelação, o exemplo integrado da vida dos místicos, Égide Von Broeckhoven e Dietrich Bonhoeffer, como experiência mística de radical lançamento na história que exige comportamento ético, pode iluminar profundamente este anseio brasileiro.

3. A Experiência Mística Como Radical Lançamento na Vida.

- Égide van Broeckhoven e Dietrich Bonhoeffer.

Por vários motivos o exemplo destes dois personagens da história da Igreja Cristã pode iluminar a caminhada da Igreja Brasileira: Católica, Protestante, e Movimentos Pentecostais. Abordar os dois já evidencia a intenção de mostrar que católicos e protestantes têm o mesmo desafio: possibilitar, em nosso tempo, que a experiência de Deus redunde em compromisso com a vida, com os outros e com a própria história. A experiência mística destes dois gigantes lança para nossa busca critérios imprescindíveis. Ambos eram cristãos que deram suas vidas por amor a Deus e em fidelidade ao *Nachfolge*, *seguimento*, que faziam de Cristo.

Égide nasceu em 22 de dezembro de 1933 na cidade de Anvers, seguido da morte de sua mãe, em 28 de dezembro. Ele iniciou seu trabalho como padre-operário em Agosto de 1965, em Anderlecht, Bruxelas. Sua vocação será interrompida com a morte trágica em um acidente mortal de trabalho, no dia 28 de dezembro de 1967. Este fato comoveu toda opinião pública, pois conheciam o trabalho realizado por ele na fábrica e sua incessante busca de Deus.²⁴

Dietrich Bonhoeffer nasceu em 4 de fevereiro de 1906, em Breslau na Alemanha. No período de 1919 a 1923 fez o ginásio. De 1923 a 1927 estudou Teologia em Itália, Berlim e Tübingen, onde se bacharelou

²¹ Em contexto diferente, Moltmann faz uma crítica à esterilização da teologia e da Igreja na Alemanha pelo traço frio e racionalista que espantou as pessoas que se refugiaram na psicologia, sociologia, etc. O modelo de teologia fragmentada e cientificista expulsou os alunos dos cursos, e na igreja a liturgia rígida não respondeu aos anseios dos fiéis. Conferir em Jürgen MOLTSMANN. *El Dios crucificado*. La cruz de Cristo como basis y crítica de toda teologia cristiana. Salamanca: Sígueme, 1975, p. 18-19.

²² Maria Clara Lucchetti BINGEMER. A sedução do sagrado. Em: Cleto CALIMAN (Org.). *A sedução do sagrado: o fenômeno religioso na virada do milênio*. (Org.). Petrópolis: Vozes, 1998, p. 80.

²³ Mário de França MIRANDA. *A salvação de Jesus Cristo. A doutrina da graça*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 175-198.

²⁴ Égide Van BROECKHOVEN, *Diário da amizade*. São Paulo: Loyola, 1975, p. 9.



Pos-Escrito

Revista Eletrônica da Faculdade Batista do Rio de Janeiro

aos 21 anos. Formou-se em teologia dogmática com um estudo sobre a sociologia da igreja: “*Sanctorum Communio*”. Trabalhou em várias igrejas européias de língua alemã (Barcelona, Londres) e concluiu seus estudos nos EUA. No período de 1929 a 1930 fez o vicariato, habilitou-se para o ensino de Teologia com o trabalho “*Ato e Ser*”: filosofia transcendental e ontologia no seio da sistemática, e estudou no Union Theological Seminary, em Nova York. Neste momento envolveu-se com o mundo ecumênico. Em 1931 foi professor de Teologia em Berlim, encontrou-se com Karl Barth em Bonn e desenvolveu um pastorado relevante e encarnado em Berlim. Em 1932 realizou uma conferência para jovens na Suíça e identificou que a Igreja estava morta. Em 1936 seu direito de lecionar Teologia é cassado pelo regime nazista. Saindo de um lugar para o outro, no período de 1937 e 1938 ele produz duas obras clássicas: primeiro, *Nachfolge* - Discipulado e *Gemeinsames Leben* - Vida em Comunhão.

No período de 1939 a 1943 engaja-se firme na resistência ao nazismo e participa da conspiração para matar Hitler. Neste período inicia a redação do texto sobre ética, *Ethik*. No dia 05 de abril de 1943 Dietrich Bonhoeffer foi preso em Berlim na casa dos pais. Na prisão ele desenvolve um maravilhoso trabalho pastoral e escreve “*Widerstand und Ergebung*” - Resistência e submissão, ou seja, cartas da prisão enviadas para sua família, que mais tarde foram publicadas. Em Fevereiro de 1945, ele foi transferido para campo de concentração de Buchenwald.

No Domingo, 08 de abril, ele realizara um culto com os prisioneiros, mal terminara os soldados chegaram para levá-lo, ele olhou para os seus irmãos e disse: “isto é o fim”, fez uma pausa e acrescentou: “para mim, é o início da vida”. No dia 09 de fevereiro de 1945, com 39 anos, o teólogo da vida foi enforcado. Apesar do pouco tempo de vida, Dietrich Bonhoeffer deixou um legado teológico precioso – Igreja, Cristo, Ética, Espiritualidade e a idéia de um cristianismo a-religioso diante do processo de secularização – e uma fé viva e coerente com seus ensinamentos.²⁵

- **Experiência mística do Amor Trinitário e o encontro dos outros.**

Uma experiência mística que busque o adjetivo de cristã precisa estar inserida num contexto de alguns paradigmas que a definem como cristã. Como o diálogo aqui é travado com o contexto eclesial brasileiro, onde, legitimamente, os novos movimentos se autodenominem cristãos, o critério do Amor Trinitário é inegociável. Sendo assim, a sensibilidade da experiência de Egídio, bem como de São João da Cruz, Tereza d'Ávila e Simone Weil são importantes para nossa realidade vigente.

²⁵ Conforme Georges HOURDIN, *Vítima e vencedor do nazismo*: Dietrich Bonhoeffer. São Paulo: Paulinas, 2002, p.171-185. Sociedade Internacional Bonhoeffer. Seção Língua Portuguesa. Disponível em: <http://www.sociedadebonhoeffer.hpg.ig.com.br/> acessado em: 17.11.2005.



Pos-Escrito

Revista Eletrônica da Faculdade Batista do Rio de Janeiro

Em Égide a relação entre o Pai, o Filho e o Espírito aparece em praticamente todas as preces, diálogos e encontros. A relação trinitária é modelo de sua ação – o Pai que envia o filho no Espírito – como sentido de contemplação – seu encontro contemplativo busca constantemente a trindade – e como exemplo da amizade: a relação trinitária revela a alteridade vivida no verdadeiro amor.

“Devemos, por isso, penetrar sempre mais, no Mar, até perdermos pé, até sermos levados por Ele e movidos por sua Vida; até estarmos absorvidos nas profundezas do Ser Divino e sermos levados pela correnteza da Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo. (...) Fiz ontem de manhã a seguinte experiência: (...) vi que todo este mundo bem concreto é criação do Pai no filho pela força do Espírito: portanto, não um mundo profano, mas criação onde Deus se comunica, se revela, Meio Divino: é agora, nesse meio, que o Pai me dirige sua Palavra, com força”.²⁶

A experiência mística de Egídio – Experiência de Deus, Amizade e Apostolado – depende absolutamente da experiência do amor trinitário. Ela também mostra que sua experiência não é solta, pelo contrário, está muito bem fundamentada teologicamente. “Esse amor é, na comunidade das três pessoas, o amor do Espírito, que continua a ser o amor do Pai na sua origem e amor do filho na sua vinda do Pai e na sua volta para Ele.”²⁷

Provavelmente, no contexto religioso atual do Brasil, onde a sede e o desejo pelo Transcendente são utilizados sob a ética capitalista, utilitarista e funcionalista, Broeckhoven e Bonhoeffer iluminariam muito nossa caminhada se aplicássemos um critério inegociável em suas experiências místicas: a ética. Em Egídio a ética captada do amor trinitário delinear as relações pessoais: o verdadeiro amor, por um lado, desconhece o fechamento sobre si mesmo, e por outro lado, a sair de si, exprimir-se, encarna-se no concreto.²⁸ Em Bonhoeffer a ética só pode ser compreendida a partir da realidade, das perguntas, das decisões, é a ética da responsabilidade que nenhum ser humano pode se furtar. Num contexto brasileiro, marcado pelo dualismo, pela instrumentalização dos outros, etc., o amor trinitário pode ser a água que este povo tanto anseia para saciar sua sede.

²⁶ BROECKHOVEN, *Diário da amizade*, p. 91.

²⁷ *Idem*, p. 43.

²⁸ *Idem*, p. 43, 44.



- **A Experiência Mística e a Ética Encarnada na História**

Bonhoeffer leva a sua perspectiva teológica – integração entre experiência de Deus e testemunho – até as últimas conseqüências, no momento em que se engaja na resistência ao regime nazista e participa do plano para matar Hitler. Coincidentemente, neste mesmo período, a partir de 1939, ele começa a escrever sua obra sobre ética.²⁹ A integração em sua vida entre ação e contemplação era tão evidente, que, no seminário clandestino para formar os alunos que não aceitavam a instrução da Igreja evangélica oficial alemã, Bonhoeffer encantava os alunos chegando, portanto, a produzir, nesse período, o livro *Vida em Comunhão*.

A ética que guia os cristãos é concreta e interroga-se sobre o mandamento concreto de Deus hoje, aqui, entre nós, para nós.³⁰ Para Bonhoeffer, “a ética cristã concreta está além do formalismo e da casuística; enquanto o formalismo e a casuística partem da luta do bem com o real, a ética cristã pode partir da reconciliação já acontecida do mundo com Deus e com o ser humano Jesus Cristo, da aceitação do ser humano real por parte de Deus.”³¹

Bonhoeffer tem de ante de si os contextos: a secularização, o regime nazista e a inércia da igreja: “graça barata”. É a perspectiva de uma ética encarnada, ou seja, que enfrenta os problemas vigentes de seu contexto. Aqui está a diferença, a superação e, também, a limitação de Bonhoeffer em relação os autores contemporâneos que, por exemplo, também ajudaram a dar razão à experiência religiosa e cristã no mundo emancipado: Bonhoeffer se fundamenta, prioritariamente, na bíblia através dos textos bíblicos.³²

A contundência da experiência de Deus desse teólogo, pastor e místico é tão importante que, para ele, se esse encontro não acontece delimitado por um contexto específico, a autenticidade dessa experiência deve ser questionada. “... nossa história nos coloca objetivamente em determinado contexto de experiências, responsabilidades e decisões do qual não podemos fugir sem abstração. (...) Ética como formação só é possível com base na atual presença da forma de Jesus Cristo em sua Igreja. A Igreja é o

²⁹ Esta obra é a compilação de várias partes de um livro que Bonhoeffer sonhava escrever como a obra de sua vida. São materiais que puderam ser resgatados do confisco e desenterrados dos esconderijos. Há, também, partes já estavam nas mãos da Gestapo. Dietrich BONHOEFFER, *Ética*. São Leopoldo: Sinodal, 1988.

³⁰ Rosino GIBELLINI, *A teologia no Século XX*. São Paulo: Loyola, 1998, p. 109-110.

³¹ BONHOEFFER, *Ética*, p 53.

³² Como foram fundamentados anteriormente, alguns teólogos, dentre estes, Karl Ranher, sem desvalorizar a sua indiscutível contribuição ao pensamento teológico contemporâneo, utilizam como referencial metodológico, a filosofia ou a fenomenologia, especificamente os referenciais existenciais de Heidegger, para dar plausibilidade à possibilidade da experiência de Deus em todo ser humano. Particularmente, acredito que, do ponto de vista teórico e com o referencial bíblico de seu quadro interpretativo, Bonhoeffer não poderia superar o dualismo entre fé e religião, logo, uma sistematização que autentique as outras experiências religiosas como místicas e mistéricas. Aqui está um detalhe que une Bonhoeffer aos grandes místicos da história cristã. Na teoria ele se expressa com a linguagem própria do ambiente, entretanto, na prática, o dualismo é superado pelo viés do testemunho e da ética.



Pos-Escrito

Revista Eletrônica da Faculdade Batista do Rio de Janeiro

lugar onde se proclama e acontece o processo em que Jesus Cristo toma forma. A ética cristã está a serviço desta proclamação e deste acontecimento.”³³

Nesse sentido, o ponto de partida da ética cristã – testemunho, seguimento – não é um princípio ou uma norma, mas o fato de ter havido a reconciliação do mundo com Deus em Cristo. Por isso, fazer a experiência de Cristo é ir em direção ao mundo, encarar todas as suas complexidades realizando os mandados de Deus nessa história: o trabalho e a cultura, que criam valores; o casamento e a família, que criam vidas; as autoridades que conservam na ordem as realidades criadas; a Igreja, que concretiza a realidade de Cristo na pregação, na disciplina e na vida nova.³⁴ Mais uma vez Bonhoeffer e Broeckhoven estão juntos dando nova vida à experiência mística, e, portanto, sendo referências dialógicas para a religiosidade que tece a construção da identidade multifacetada da matriz religiosa do povo bonito e sedento que é o brasileiro.

Para Acabar um Bate-Papo ... à guisa de Conclusão.

A experiência de Deus como lançamento na vida. Mergulhar na experiência mística de Broeckhoven e Bonhoeffer é um desafio que nos balança. A virtude desses dois “servos” de Deus está no fato de nos apresentar uma experiência de Deus em constante diálogo com os problemas da modernidade. De um lado, estão as fábricas na Bélgica que revelam o problema da pobreza, da humilhação, do “zé povinho”, como mostrava Êgide; de outro lado, está a Alemanha Nazista: a perseguição aos judeus, os campos de concentração, a inércia da Igreja Cristã e a morte de todos aqueles que se levantaram contra o regime.

Assim, a pergunta relevante para nossa realidade está em questão: como a experiência mística de Bonhoeffer e Broeckhoven podem iluminar a espiritualidade da Igreja Cristã no Brasil? A constatação de um anseio no contexto brasileiro evidencia que há sede de Deus, de espiritualidade integrada e libertadora, de igrejas livres e leves.

O anseio no contexto brasileiro demonstra a necessidade da mística profética que ataca com veemência a instrumentalização do outro, o comércio de pessoas disputadas pelas agências religiosas e o personalismo de pessoas que infantilizam a fé do povo. Necessitamos da mística estética onde Deus é buscado pela sedução, pelo romance, pela ternura, pelo amor que tudo sofre, crê e espera. Porém, estes dois jovens que entregaram a própria vida em testemunho podem nos dar grandes contribuições no campo

³³ BONHOEFFER, *Ética*, p. 53, 54.

³⁴ GIBELLINI, Rosino, *op. cit.*, p. 112, 113.



Pos-Escrito

Revista Eletrônica da Faculdade Batista do Rio de Janeiro

da ética: toda experiência deve, obrigatoriamente, nos conduzir ao encontro dos outros, ou seja, nos lançar à vida com a responsabilidade de sermos, ao lado de Deus, sujeitos dessa história em constante devir.

Delambre Ramos de Oliveira

delambre2@hotmail.com

<http://lattes.cnpq.br/5747001684613585>